

Ritual em Tambiah: trajetória, conceitos e reflexões

Ronaldo de Oliveira Rodrigues¹

Resumo: Para tratar sobre ritual em Stanley Tambiah é preciso compreender que o rito não existe fora de um contexto, constituindo-se como dinâmico e flexível. Entre outras contribuições de Tambiah para a definição de ritual está sua referência aos três sentidos que norteiam sua compreensão de ação ritual com base em Austin, em Peirce e a de ação performativa como movimento intenso. Também considera que o ritual não pode ser amarrado a estrutura tripartite tal qual em Turner e Van-Gennep. Para Tambiah o rito pode expressar-se por meio de palavras e atos combinados em graus variados de formalidade, estereotíпия (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetições). Por outro lado também considera que não podemos definir claramente os domínios que demarcam aquilo que é ritual do que não é ritual. Estas questões, partindo da trajetória de Tambiah e no livro *Culture, Thought and Social Action* (1985), serão apresentadas neste texto.

Palavras-chave: Ritual, Formalidade, Estereotíпия, Redundância.

Ritual in Tambiah: trajectory, concepts and reflections

Abstract: Understanding ritual in Stanley Tambiah demands know that the rite does not exist outside of a context, establishing itself as dynamic and flexible. Among other contributions Tambiah defines ritual from three directions: ritual action based in Austin, in Peirce and performative action as intense movement. It also believes that the ritual can not be defined to such tripartite structure which Turner and Van Gennep. To Tambiah the rite can express itself through words and combined acts in varying degrees of formality, stereotypy (rigidity), condensation (fusion), and redundancy (repetition). On the other hand also believes that we can not clearly define areas that demarcate what is and not ritual. These questions, based on the trajectory of Tambiah and in the book *Culture, Thought and Social Action* (1985), will be presented in this paper.

Keywords: Ritual, Formality, Stereotypy, Redundancy.

Recebido em 17/06/2014 - Aprovado em 17/08/2014

¹ Pedagogo. Mestre em Ciências da Comunicação. Doutorando em Ciências Sociais-Antropologia. Professor na Faculdade de Educação e Ciências Humanas, Campus Universitário do Marajó-Breves, Universidade Federal do Pará. Email: ronaldsa84@yahoo.com.br

Introdução

Uma das principais ideias quando se remete o pensamento ao ritual² é a de que ele é algo mais formal, vinculado ao tradicionalismo e destinado a celebrações/cerimônias especiais, bem como associado às instituições religiosas. Nesse sentido o ritual se configuraria certamente como um momento formal e/ou religioso, o que não pode ser tido como única verdade. Rituais devem ser pensados como tipos especiais de eventos que ocorrem não somente em ocasiões extraordinárias, mas cotidianamente.

Em Stanley Tambiah³ esse estudo ganha contornos extremamente analíticos. Tambiah explora a base da dimensão formal do ritual e analisa o significado contextual do mesmo, possibilitando a conjunção dos aspectos não-verbais e verbais, ou seja, ele propõe a união do ato e da fala na ação ritual. Para ele os rituais podem existir em todos os lugares, em todos os tempos, das mais diversas maneiras, não se configurando prática de propriedade de determinado grupo.

O ritual não é simplesmente um gesto, ele envolve determinado conjunto de características que o tornam uma ação síncrona e coletiva. Para Tambiah estas características são a formalidade, estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetições).

A formalidade do ritual, composta por sua rigidez e condensação, leva a compreensão/aceitação da repetição, o que colabora para a legitimidade ritualística. Os rituais executados repetidas vezes tornam-se mais familiares, mais fáceis de serem identificados e ainda trazem certa segurança às pessoas. Nesse sentido pode-se dizer que estas quatro características da ação ritual estão diretamente relacionados, sendo que nenhuma delas sobrepõe-se à outra, nem mesmo consolida-se uma dimensão de prioridade ou hierarquia entre elas.

Neste texto a intenção é possibilitar maior aproximação com a proposta de Tambiah, tendo como base principal a obra *Culture, Thought and Social Action* (1985), que é dividida em duas partes. A primeira contém quatro artigos sobre ritual e a segunda contém cinco artigos sobre classificação e cosmologias. Iremos nos deter a primeira parte do livro, acrescentando informações/discussões de Mariza Peirano, já que no Brasil é uma das grandes estudiosas do tema e do autor em tela.

1. Trajetória de Tambiah e os estudos sobre ritual

De acordo com Mariza Peirano (2002) o principal mentor de Tambiah foi Edmund Leach⁴. O encontro de Tambiah e Leach teria se dado quando da realização de um *survey* de Tambiah e N.K.Sarkar na área de Kandy no Sri Lanka. Leach havia

² O ritual é um dos temas mais discutidos na antropologia e certamente remonta a trabalhos de autores como Durkheim, Robertson Smith, Van Gennep, Bateson, Gluckman, Leach e Turner.

³ Tambiah (16/01/1929-19/01/2014) graduou-se na Universidade do Ceilão (hoje, Peradeniya) e obteve seu doutorado em sociologia na universidade de Cornell em 1954.

⁴ Entre outras observações importantes que Peirano faz na resenha é a de que Leach considera impossível distinguir mito de história. Nascido em 1910, Leach faleceu no início de 1989, depois de longa doença.

concluído seu trabalho de campo em Pul Eliya, em 1954, e, em 1956, quando voltou para a última verificação dos dados conheceu Tambiah (TAMBAIAH, 1997, p. 200). O próprio interesse de Tambiah na etnografia malinowskiana⁵ se dá em função do empenho de Leach em reanalisar este autor⁶.

É importante pontuar que inicialmente Tambiah se interessou “no esquema de Robert Redfield sobre o continuum folk-urbano” (*id.*) desenvolvido a partir de uma experiência no México, configurando, então, um olhar sobre práticas mistas em que tanto o urbano quanto as práticas tradicionais populares lhe eram atraentes. Sobre o interesse em antropologia ele mesmo considera “Quando me tornei um antropólogo? Imagino que o ano decisivo foi 1955/56 quando, depois de retornar ao Sri Lanka, vindo de Cornell, comecei a fazer trabalho de campo em colaboração com um economista que também era estatístico, N.K. Sarkar” (*id.*).

A expertise antropológica⁷ de Tambiah já se sobressaía mesmo quando da realização do *survey*, pois ele afirma: “já interessava-me mais a observação participante, conversar com as pessoas, observar rituais e ver situações no seu contexto, tudo aquilo que você não pode fazer em um *survey* (*id.*)”.

O interesse de Tambiah em estudar os rituais passa pela investigação sobre religião, que não se dá necessariamente como um interesse único ou imediato, pois ele mesmo diz “efetivamente eu não estava apenas investigando religião (...) mas realizando um trabalho de campo sobre vários aspectos da vida rural” (*id.*, p. 203) e a coleta de materiais sobre os rituais ocorre de maneira paralela aos dados sobre organização social, parentesco, economia, etc.

A maior parte das aldeias tailandesas investigadas abrigava monastérios habitados por monges budistas e Tambiah, então, dedicara-se a estudar as relações entre os monges e a população, assim como os rituais. Ao deixar o Sri Lanka, ele reconhece a necessidade de compreender o que é o budismo e, nesta perspectiva, o revivalismo budista como resposta ao colonialismo (*id.*, p. 204). Dado o contexto sociopolítico em seu país de origem, especialmente a questão colonial, Tambiah reconhece que não seria possível estudar de forma plena “as expressões políticas do budismo no Sri Lanka⁸”, mas poderia fazê-lo na Tailândia.

A partir do interesse em compreender o budismo como religião, a Tailândia constituiu-se em terreno fértil para a realização de estudos sobre os aspectos políticos, bem como dos rituais budistas. Ao focar a aldeia como microcosmo do macrocosmo Tambiah considera: “eu estava interessado justamente em como o budismo, enquanto

⁵ Em 1968 na Conferência Memorial de Malinowski “O poder mágico das palavras” Tambiah argumentou que a característica mais importante do conjunto de palavras e ações é a manipulação da metáfora e metonímia.

⁶ O livro *The Magical Power of Words* (1968) é fruto do interesse de Tambiah em Malinowski.

⁷ De acordo com o próprio autor sua primeira tentativa de realização de trabalho de campo antropológico foi “em uma aldeia distante, Pata Dumbara, no distrito Matale, na área Kandyana” (TAMBAIAH, 1997).

⁸ Sobre isso, de acordo com o próprio Tambiah (1997) o envolvimento de budistas com a violência - budismo político - no Sri Lanka foi o principal motivo para a escrita do livro *Buddhism Betrayed* (1992). O autor destaca ainda que “um grupo de monges e ‘intelectuais’ ativistas clamou pela proibição do livro”, considerando-o um ataque a Buda e ao budismo.

uma força civilizatória, influenciou a aldeia ao longo do tempo e, como, em contrapartida, o budismo em seu sentido amplo foi tecido e elaborado na vida aldeã e em seu calendário festivo” (*id.*, p. 205).

A compreensão do budismo de forma mais ampla provoca a necessidade do estabelecimento de uma relação mais aproximada entre história e antropologia. O resultado desse trabalho está contido no livro *World Conqueror and World Renouncer*⁹ e Tambiah diz que procurou mostrar/explicar como o budismo, tal como outras ordens monásticas, sempre esteve relacionado com a monarquia e a organização política, particularmente no que refere às concepções budistas do “universal king”.

A dedicação de Tambiah em estudar esta temática vai avançando à medida que conhece mais sobre o budismo. O impulso em pesquisar os monges da floresta na Tailândia o faz ter interesse na concepção dos santos. Entram em cena, então, os estudos de carisma a partir de Weber. Tambiah relata:

de certo modo, tropecei em algo que Weber nunca percebeu, ou seja, como o carisma pode ser transferido para objetos como amuletos e imagens. Creio que uma das minhas contribuições foi abordar o culto dos amuletos: como são produzidos, como o homem santo transfere seu carisma para eles, como esses objetos promovem a conjunção entre os homens santos e os leigos e como esses objetos são usados e manipulados nos processos históricos, políticos e econômicos (TAMBAIAH, 1997, p. 206).

É importante considerar que, para Tambiah, cosmologia e ritual estão mutuamente interligados em uma dinâmica estrutural, porém é necessário desvincular esses dois conceitos da dimensão/prática meramente religiosa. Havia também o interesse em como os mitos se relacionam com as ações efetivas das pessoas, ou seja, estudar a questão ritual transcende a noção teórica sobre os estudos até então realizados.

Tambiah considera que sua produção é tanto etnográfica quanto teórica, porque seus trabalhos tratam daquilo que ele considera “questões/problemas canônicas/os”, e que um dos caminhos para alcançar o equilíbrio da relação apresentada é ler/ir além da literatura especializada¹⁰, fora da área específica de interesse. Ele afirma: “As pessoas podem ler meus livros como etnografias, mas muitas não percebem que eles também são teóricos” (p. 207).

Tambiah exemplifica o paradoxo daquilo que é etnográfico e teórico a partir do que teria acontecido com o último capítulo de “Buddhism and the Spirit Cults in Northeast Thailand”, em que ele apresentou uma interessante discussão sobre mitos e rituais, porém não foi considerada relevante porque tal discussão está contida em uma

⁹Word Conqueror and World Renouncer. A study of Religion and Polity in Thailand Against a Historical Background. Cambridge University Press, 1976.

¹⁰ Quanto a esta visão mais aberta é que Tambiah justifica seus muitos interlocutores: Austin, Leach, Evans-Pritchard, Weber, Durkheim, Marx em menor extensão, Levi-Strauss, Peirce, Gramsci, Foucault, Bordieu, Bakhtin, Mauss.

monografia e não em um periódico. “Não se espera que as monografias contenham discussões teóricas desse tipo... se eu o tivesse escrito como um ensaio teórico para *Man* ou *American Ethnologist*, ele poderia ter um público maior” (p. 208); porém, aponta como ponto positivo o fato de John Strong, um estudioso da religião, ter adotado a discussão como seu ponto de referência, o que tornou a discussão original mais conhecida.

Para Peirano (2000) aquilo que Tambiah fez com os estudos dos rituais foi semelhante ao que Jakobson fez com a afasia, Levi-Strauss com o totemismo e Freud com os sonhos. Nesse sentido ele identifica um fenômeno [ritual] que mesmo existindo originalmente no senso comum, é dissolvido de forma analítica e analisado em outro nível, ou seja, aquilo que era unicamente empírico é transformado em analítico.

Tambiah destaca ainda seu encontro (acidental) com Austin e passa a incorporar as ideias deste, sendo pioneiro dessa apropriação no estudo do ritual, embora Leach fosse um crítico da filosofia da linguagem. O que Tambiah incorpora de Austin é a ideia sobre as locuções performativas¹¹. Para Austin a linguagem não poderia ser concebida simplesmente como uma representação do mundo, mas permite a realização de atos, pois “falar é, portanto, intervir no mundo, é já agir” (FLORES, 2007, p. 3).

Tambiah critica a estrutura tripartite do ritual¹² e considera que seu mergulho na linguística estrutural e na sociolinguística o auxiliaram na elaboração de outra síntese sobre ritual. Tambiah considera que “a estrutura tripartite do ritual [...] é inadequada para uma plena compreensão dos trabalhos dinâmicos do ritual e das diferentes maneiras pelas quais múltiplos meios e modalidades sensoriais estão inter-relacionados” (1997, p. 210).

Peirano (In Tambiah, 1997) considera que o trabalho de Tambiah contribui para dissolução de dicotomias no sentido de ação e pensamento, causalidade e performance, semântica e pragmática, etc. O próprio autor afirma que tem “preferência por relacionar dialeticamente componentes que outros separam e dividem” (TAMBAIAH, 1997, p. 210) e destaca ainda que “devemos trabalhar dentro da tradição para transformá-la¹³”, reconhecendo a importância do passado, não existindo tabula rasa, e selecionando elementos para avançar e alargar horizontes.

Tambiah critica um modo de fazer escrita baseado no pós-modernismo. Diz ele que “um dos nossos objetivos deve ser expressar as ideias em uma linguagem simples, uma linguagem que não anule a comunicação” (*id.*, p. 217). Como ele considera o ritual como ato comunicativo, relacionando, inclusive, aquele à teoria da informação, deve-se trabalhar para evitar os ruídos e as redundâncias no potencial de comunicação do ritual.

¹¹ Austin considera que os enunciados podem ser constataivos e performativos. Uma distinção básica é que os constataivos seriam apenas verdadeiros ou falsos, não tendo consequências no mundo, já os performativos teriam consequências, podendo ser felizes ou infelizes. Um exemplo pode ser na afirmação: “o gato está sobre o tapete da sala”. Essa afirmação pode ser verdadeira ou falsa. Por outro lado se um padre, em uma cerimônia de batismo, diz a um gato “Eu o batizo João”, essa afirmação poderia trazer várias consequências (KUNZ, STUMPF, 2010).

¹² Para este autor os rituais podem ser separação, de margem (liminaridade) ou de agregação.

¹³ Tambiah cita seu livro *Leveling Crowds* (1996), em que embora trate explicitamente sobre política e violência, o aspecto performativo do ritual está no centro das considerações, explicando o papel e o padrão da violência coletiva na política moderna.

Para Peirano (2002) no livro “Edmund Leach: an Anthropological Life” (2002), Tambiah se posiciona na linhagem de seu mestre e também constrói sua biografia antropológica. Entre os pontos comuns referentes aos autores considera-se que “tanto para Leach quanto para Tambiah, antropologia não é algo que se faz à parte da vida cotidiana, mas é parte da trajetória do etnógrafo. Esta concepção do *métier* do antropólogo permeia todo o livro”. Enquanto nos capítulos iniciais Tambiah apresenta certo distanciamento, descrevendo e relatando fatos, “nos últimos capítulos, Tambiah opta por fazer o que Flaubert considerava a tarefa do biógrafo: defender o biografado” (PEIRANO, 2002, p. 217).

Uma das principais características de Leach era o não conformismo a partir da necessidade de compreensão do sistema sociopolítico, cultural e religioso em que estava inserido; era a favor da experimentação, do diálogo. Tambiah segue uma direção semelhante. Chama atenção o destaque que Peirano faz ao relatar o que Tambiah diz sobre a cerimônia funerária de Leach, “como queria Leach, não foi possível evitar a procissão solene da capela do King’s College ao portão de saída, cuja ordem, Leach - o observador de rituais - teria antecipado: o caixão, a família, o Provost, o Vice-Provost, convidados e fellows por ordem de importância” (*id.*, p. 220)

Tambiah destaca aquilo que Durkheim escreve na última parte do livro As formas elementares da vida religiosa: “é a participação coletiva nos ritos totêmicos que gera a euforia e a experiência da força religiosa” (TAMBIAH, 1997, p. 211), o que demanda compreender que as pessoas reunidas, em rituais coletivos, se envolvem em tipos especiais de interação. Essa questão está estritamente relacionada ao interesse de Tambiah em mobilização de massa.

Mobilização essa que torna-se fantástica aos olhos de Tambiah quando analisando os jogos, verifica as multidões, que promovem espetáculos em massa. “As pessoas levantam-se ritmadamente e envolvem-se em movimentos orquestrados de ondas de incentivo, e então gritam insultos para os jogadores do time visitante, o inimigo, amaldiçoando-os, e até ensaiando brigas ou quase-brigas, e proferindo impropérios para demonizá-los” (*id.*, p. 212). Nesse momento as pessoas, independentemente de classe social e/ou profissão, reúnem-se para proporcionar uma encenação cultural.

Em Culture, Thought and Action Social, Tambiah apresenta três sentidos do ritual. O primeiro é retirado de J.L. Austin (1962), segundo o qual “dizer” é nomear uma coisa com palavras. Neste sentido poderíamos destacar o “sim” dito no casamento, ou quando o padre diz “eu te batizo”. Logo, se o dito é feito, é também ação social. O segundo sentido apresentado por Tambiah refere-se à ação performativa como a repetição e encenação de um ritual que é expresso em uma multiplicidade de meios, implicando em diversas modalidades sensoriais por meio das quais os participantes vivem o evento intensamente, como, por exemplo, o carnaval ou mesmo uma partida de futebol. Um último sentido refere-se a valores “indexicais”, um conceito adaptado de Peirce, que são transferidos para os atores e inferidos pelos mesmos, conferindo-lhes deste modo prestígio, legitimidade, autoridade, poder e outras formas de capital simbólico.

Neste último sentido poderíamos compreender o exorcismo como uma prática de legitimação de poder e autoridade em que o pastor de uma igreja evangélica - que não obrigatoriamente passou por casa específica de formação - se autoinstitui para realizar tal ação e por outro lado a ação de um padre, em que este teria, teoricamente, toda uma formação com um significativo período de vida “recluso” e em oração, em que o poder e autoridade lhe é conferido pela própria instituição que o formou.

A partir dessas discussões Peirano (2003, p. 40), com base em Tambiah, considera que o ritual deve ser entendido tendo quatro quesitos como pressupostos básicos: 1) ele é um sistema cultural de comunicação simbólica; 2) é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos; 3) é frequentemente expresso por múltiplos meios; 4) é uma ação ritual performativa.

2. Uma abordagem performativa do ritual

O primeiro contato com a obra de Tambiah provoca a necessidade de compreender a dimensão daquilo que é performativo em sua proposta. Peirano (2006) esclarece que a ação performativa no ritual em Tambiah é não necessariamente sinônimo de performance.

No início da década de 70, Stanley Tambiah adotou a noção de *performatives*, do filósofo John Austin (*How to do Things with Words*, 1962), para dar conta da eficácia da ação ritual. (Mas, embora a raiz “to perform” seja a mesma, *performatives* não são “performances”; para Austin, *performative* é a qualidade *sui generis* de alguns enunciados). Se é bem verdade que Malinowski já havia insistido no aspecto pragmático da linguagem para os trobriandeses em *Os Argonautas* e em *Coral Gardens*, Austin permite dar conta da eficácia intrínseca dos fenômenos sociais, da força que ele vai chamar de ilocucionária. Se as próprias palavras têm essa força inerente – “eu prometo”, “eu desafio” não apenas descrevem, mas fazem coisas –, muitas das questões sobre a origem da eficácia, do mana, têm aí uma trilha aberta. (Um perigo que ronda o termo “performativo” é o de se transformar em jargão incompreensível; explicar seu fundamento e dar sua referência torna-se, no caso, não apenas aconselhável, mas necessário (PEIRANO, 2006, p. 11).

Tambiah considera que Radcliffe-Brown, em seu trabalho sobre os andameses, teria, embora de forma limitada, percebido a dança como uma forma de cerimônia social. Daí a afirmação de que “O caráter essencial da dança é seu ritmo” (p. 123). Esta natureza rítmica da dança permite que um determinado número de pessoas possa executá-la com sincronicidade, como um corpo só.

Entre os andameses, o ato da dança é sempre acompanhado de som, da canção. Neste aspecto Radcliffe-Brown chama atenção para o uso dos múltiplos meios no ritual. A natureza rítmica da dança - mas também de todos os rituais coletivos - resulta, portanto

em: 1. Envolvimento dos integrantes num conjunto, formando um corpo único, e 2. Força coercitiva sobre cada pessoa, ou seja, todas cedem a essa força rítmica que direciona e regula o movimento do corpo (individual e social da mente). Essa força que constrange/incita para a performance coletiva, provoca, ao mesmo tempo, o prazer da auto-renúncia em cada integrante, ou seja, abandona-se as características individuais para entrar em sincronia com o grupo e integra-se ao ritmo coletivo. Em função dessa característica ele menciona que o ritmo conduz à performance.

Tambiah dá grande destaque ao duplo aspecto do ritual como performance. O ritual público se reproduz por repetição de formas invariadas e estereotipadas (convencionalidade e rigidez). A partir dessa formatação convencional e rígida é que se pode enfatizar que apesar do aspecto variável e dinâmico, certos eventos estruturados por todas as sociedades, e em qualquer época, podem ser reconhecidos, através de sua forma, como rituais.

Rituais existem em todos os lugares, em qualquer hora dinamizando a condição humana. Rituais podem existir a partir de múltiplas formas - palavras, música, dança - e a caracterização do que é ou não ritual pode ser dado pelos membros de uma comunidade/grupo pesquisado(a) a partir do momento em que o(a) pesquisador(a) consegue identificar o conjunto de características que permitem caracterizar uma ação/comportamento como ritual. Nesse sentido Tambiah considera “I am persuaded that human beings everywhere commonly structure certain events which they consider important in a similar way, events which we can recognize as ritual, and that there are good reasons why they should do so” (p. 125).

Nenhuma ação performativa ritual é igual à outra. Tudo depende do modo de quem fará a recitação oral, das características e circunstâncias sociais dos atores envolvidos, e do interesse e expectativa do público. A flexibilidade da performance ritual está relacionada aos significados contextuais em que é realizada. A essa questão relacionamos a definição operativa de ritual, em que Peirano (2003, p. 9) afirma: “primeiro evitamos uma definição rígida e absoluta. A compreensão do que é um ritual não pode ser antecipada”, portanto ela precisa ser “aprendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que ele observa”.

Para Tambiah (1985) o ritual não pode ser considerado verdadeiro ou falso em um sentido casual, mas sim impróprio, inválido ou imperfeito (...) Os critérios de adequação devem ser relacionados à validade, pertinência, legitimidade, e felicidade do rito realizado. Tal situação pode ser representada quando se diz: “o livro está sobre a cadeira”. Essa afirmação pode ser verdadeira ou falsa, o que remeteria a um tipo de enunciado constatativo, conforme Austin. Por sua vez a afirmação “eu os declaro marido mulher” pode trazer várias consequências, constituindo-se em uma ação feliz, não havendo discordância quanto à afirmação, ou infeliz caso haja. É um exemplo de enunciado performativo.

A eficácia do ritual pode ser analisada em três sentidos: a) no sentido pelo qual dizer alguma coisa é também fazê-la; b) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação e c) no sentido de valores que são criados e inferidos pelos atores durante a ação

(TAMBIAH, 1985 apud PEIRANO, 2003). “Rituais são adequados para realizar essas funções aparentemente diversas (combinar as dimensões do viver e do pensar), porque são performativos” (PEIRANO, 2003, p. 40).

Não podemos definir claramente os domínios que demarcam aquilo que é ritual do que não é ritual, pois seja um cientista em seu laboratório ou um católico romano há a imersão das ações em um ritual. Toda sociedade é marcada por performances, “eventos formalizados” e festividades.

Tambiah também destaca como as expressões linguísticas atuam como distinção de eventos e marcam ações rituais. Por exemplo, em Tailandês o prefixo *Pithi* marca eventos cerimoniais: *pithi taengan* - cerimônia de casamento; *pithi phaosob* - cerimônia/ritual de cremação; *pithi wajebru* - cerimônia de honraria docente (emérito). Já a palavra *Ngân* significa algum tipo/local de/para festividade/celebração: *ngân wat* - templo de oração; *ngân liang* - festa/comemoração em casa.

No decorrer de sua argumentação Tambiah faz uma forte crítica aos neotyloristas, pois estes consideram as cosmologias como meras crenças. Considerando que o rito é derivado dessas crenças, ele seria tido e visto como secundário. Consequentemente se desconsidera o seu papel de transmissor de significados, criação da realidade social e atualizador da cosmologia, ou seja, ignoram seu aspecto performativo e criativo.

É certo que todas as sociedades tem cosmologias que se diferenciam e não se pode negar que há construtos cosmológicos nos ritos e estes ativam as concepções cosmológicas. Nesse sentido é importante verificar o que Tambiah considera por cosmologia.

By ‘cosmology’ I mean the body of conceptions that enumerates and classify the phenomena that compose the universe as an ordered whole and the norms and processes that govern it. From mypoint of view, a society’s principal cosmological notions are all those orienting principles and conceptions that are held to be sacrosanct, are constantly used as yardsticks, and are considered worthy of perpetuation relatively unchanged. As such, depending on the conceptions of the society in question, its legal codes, its political conventions, and its social class relations may be as integral to its cosmology as its ‘religious’ beliefs concerning gods and supernaturals” (TAMBIAH, 1985, p. 130).

Concebe-se, então, que a definição de cosmologia refere-se ao corpo de concepções que enumeram e classificam os fenômenos que compõem o universo como um todo ordenado e as normas e processos que a regem. As principais noções cosmológicas de uma sociedade são todos aqueles que orientam os princípios e concepções que são consideradas sacrossantas, são constantemente utilizados como pontos de referência e são considerados dignos de perpetuação relativamente inalteradas.

Chama atenção nesse conceito de Tambiah que as concepções da sociedade, seus códigos legais, as suas convenções políticas, e suas relações de classe social podem

ser parte integrante de sua cosmologia como suas crenças religiosas "sobre deuses e seres sobrenaturais". Com essa compreensão de cosmologia, Tambiah provoca a compreensão de pouca distinção entre "secular" e "religioso"; "sagrado" e "tradicional"; "ritos sagrados" e "ritos cívicos".

Outra questão bastante interessante é o ritual como articulação/modificação de sentidos e sentimentos. O curso do ritual como modificação de sentimentos implica considerar que o comportamento individual deixa de ser imperativo para se sobressair a ação coletiva, ou seja, o código grupal é determinante para a sincronia e para a existência/manutenção do ritual. Nesse sentido é que se afirma que um único gesto não determina um ritual da mesma forma que "Ritual is not a free expression of emotion but a disciplined rehearsal of right attitudes" (TAMBIAH, 1985, p. 134).

Por fim é preciso compreender o ritual como um ato comunicativo, sendo "espelho" dos conceitos e princípios cosmológicos e litúrgicos, ocorrendo num meio no qual os papéis sociais já estão bem definidos, estabelecendo-se como ação social a partir da característica da linguagem fática, ou seja, é o "canal" de abertura, de conversação dos membros do grupo que dão a dinâmica ao ritual e este por sua vez configura a participação dos membros.

Considerações finais

Ao propor estudos sobre rituais Tambiah contribui para uma compreensão mais flexível e dinâmica desses eventos especiais. Incita a pensar que não se deve "criar" rituais, pois eles são legitimados nas ações cotidianas das pessoas e são elas que determinam a configuração do evento. Portanto, os rituais não são tão unicamente eventos extraordinários, mas podem existir nos atos corriqueiros do dia a dia.

O ritual possibilita instrumentos para vislumbrar diferentes visões de mundo, valores morais, bem como organizam e estruturam posições de certas pessoas e por isso não podem ser entendidos em uma dimensão fechada, como que seguindo um roteiro para serem legitimados. Com sua concepção de que os rituais se manifestam de diferentes formas - palavras, músicas, dança, etc - e em diferentes situações de acordo com o contexto, Tambiah auxilia na compreensão de que é possível perpassar a dimensão do ritual de uma concepção meramente religiosa/tradicional para questões sociais e políticas não seguindo necessariamente uma estrutura "gramatical", embora é claro, ele apresente as características da formalidade, estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetições) para a observação do ritual.

A conjunção dos aspectos não-verbais e verbais na análise da dimensão do ritual remete à ideia do ritual como ação social e, neste caso, não se pode compreender a dinâmica e estrutura da sociedade sem passar, minimamente, pela análise dos rituais, sejam eles eventos extraordinários, sejam eventos corriqueiros.

Após as considerações realizadas é preciso mencionar que se deve entender o ritual para além de um construto cultural, que tem características que o legitimam como tal - convencionalidade do ritual -, e que estão sujeitos a um *continuum* em que sua transformação depende do contexto/situação em que as pessoas se encontram.

Referências

- FLORES, Teresa. Agir com Palavras: *A Teoria dos Actos de Linguagem de John Austin*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2007. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/flores-teresa-agir-com-palavras.pdf>>
- KUNZ, Júlio; STUMPF, Elisa. Constativos e Performativos: Austin e Benveniste sobre os atos de fala. *Anais do Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso*. Porto Alegre, RS, setembro de 2010.
- PEIRANO, Mariza. *A análise antropológica de rituais*. Série Antropológica. n. 270. Departamento de Antropologia, Unb, Brasília, 2000.
- _____. Resenha: TAMBIAH, Stanley. 2002. *Edmund Leach*. An Anthropological Life. Cambridge: Cambridge University Press. 517 pp In Revista Mana. vol.8 no.2 Rio de Janeiro Oct. 2002.
- _____. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. *Revista Campos*, v.7, n.2, 2006.
- RODOLPHO, Adriane Luisa . Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. Ano 44, n.n 2, p. 138-146, 2004.
- Tambiah, Stanley. *Culture, Thought, and Social Action. An Anthropological Perspective*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985.
- _____. Continuidade, integração e horizontes em expansão. Entrevista a Mariza Peirano. *Revista Mana* 3(2): 199-219, 1997